

# ANEXOS

# ANEXO 1

(Níveis de Gravidade para a PEA)

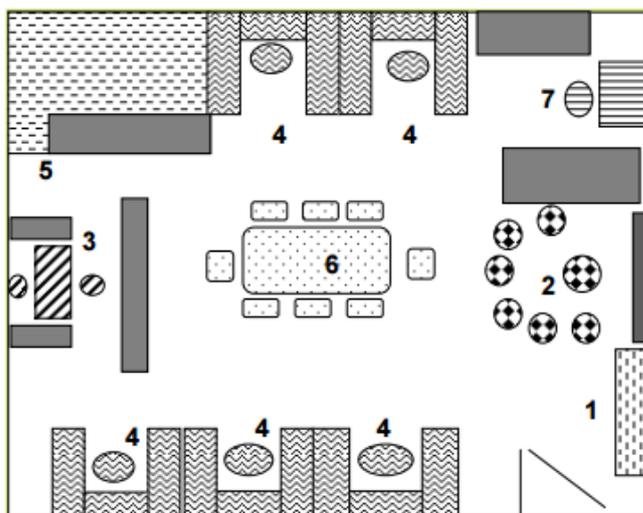
<b>Níveis de gravidade</b>	<b>Comunicação social</b>	<b>Comportamentos restritos e repetitivos</b>
<p>Nível 3 «Requerendo suporte muito substancial»</p>	<p>Défices graves nas habilidades verbais e não verbais de comunicação social, causam graves défices no funcionamento, iniciação de interações sociais muito limitada e resposta mínima à abertura social por outros. Por exemplo, uma pessoa com poucas palavras faladas inteligíveis que raramente inicia interação e, quando o faz, apresenta aproximações incomuns para apenas satisfazer necessidades e apenas responde a aproximações sociais muito diretas.</p>	<p>Inflexibilidade do comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos que interferem marcadamente com o funcionamento em todas as esferas. Grande angústia/dificuldade em mudar o foco ou ação.</p>
<p>Nível 2 «Requerendo suporte substancial»</p>	<p>Défices marcados nas habilidades verbais e não verbais de comunicação social; os défices sociais são aparentes mesmo com suporte no local; iniciação limitada de interações sociais e respostas reduzidas ou anormais à abertura social por outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação é limitada a interesses restritos especiais e que tem uma comunicação não verbal marcadamente estranha.</p>	<p>Inflexibilidade do comportamento, dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos que aparecem com suficiente frequência para serem óbvios ao observador casual e interferirem com o funcionamento numa variedade de contextos. Angústia e/ou dificuldade em mudar de foco ou ação.</p>

<p>Nível 1 «Requerendo suporte»</p>	<p>Sem suportes no local, os défices na comunicação social causam prejuízos visíveis. Dificuldade em iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou mal-sucedidas à abertura social por outros. Pode parecer que têm interesse reduzido nas interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que é capaz de falar com frases completas e se envolve na comunicação mas cuja conversação bilateral com outros falha e as tentativas para fazer amigos são estranha e tipicamente mal-sucedidas.</p>	<p>A inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa com o funcionamento num ou mais contextos. Dificuldade em mudar entre atividades. Problemas de organização e planeamento dificultam a independência.</p>
---	--	--

**Fonte:** APA, 2013, p. 60

# ANEXO 2

(Organização do Espaço – Modelo TEACCH)



**Legenda:**

- 1 - Área de transição
- 2 - Reunião
- 3 - Aprender
- 4 - Trabalhar
- 5 - Brincar
- 6- Trabalhar em grupo
- 7 - Computador

Fonte: DGIDC, 2008, p. 18

<p><b>Área de Transição</b></p>	<p>Local onde se encontram os horários/planos de trabalho individuais. As crianças devem dirigir-se a esta área sempre que termina uma atividade, de modo a consultarem a próxima.</p>
<p><b>Área de Reunião</b></p>	<p>Destinada ao acolhimento, à planificação de atividades e a momentos de grande grupo. Promove a comunicação e a interação social. A Reunião pode realizar-se em vários momentos do dia, desde que todas as crianças, ou a maioria, se encontrem na unidade.</p>
<p><b>Área de Aprender</b></p>	<p>Espaço limpo de estímulos distratores direcionado para o ensino individualizado – plano de trabalho. Promove novas aprendizagens, facilita a interação (frente a frente) e o contacto visual, assim como ajuda a colmatar défices de atenção/concentração. São utilizadas estratégias demonstrativas, pistas visuais ou verbais, ajudas físicas, reforços positivos e também atividades que vão ao encontro dos interesses de cada criança.</p>
<p><b>Área de Trabalhar</b></p>	<p>Destinada ao trabalho individual – promotor da autonomia. Cada criança, na sua área de trabalhar, terá de realizar um plano de trabalho individual, previamente estabelecido (sequência de tarefas), de modo a consolidar determinadas competências.</p>

<b>Área de Brincar</b>	Local destinado à interação social, ao relaxamento, ao jogo simbólico e à estimulação psicomotora. Deverá existir material que ajude a criança a descontrair como: tapetes, almofadas, brinquedos variados, música e outros materiais que se entendam adequados.
<b>Área de trabalhar em grupo</b>	Destinada ao desenvolvimento de trabalhos de grupo. Todas as crianças devem participar, independentemente do seu nível de funcionamento. Tem como objetivo promover a interação social, através da partilha em grupo, de forma a estimular a aquisição de novas aprendizagens.
<b>Área do Computador</b>	Esta área pode ser utilizada para ultrapassar eventuais dificuldades de reprodução gráfica, consolidar aprendizagens, colmatar défices de atenção/motivação. Contribui, também, para aperfeiçoar, entre outras competências a coordenação óculo-manual. Nesta área, pode-se trabalhar de forma autónoma ou em parceria, o que desenvolve competências sociais: aprender a esperar, a dar a vez e a partilhar.

**Fonte:** DGIDC, 2008, pp. 23-27

# ANEXO 3

(Carta dos Direitos das Pessoas com Autismo)

## CARTA PARA AS PESSOAS COM AUTISMO

As pessoas com autismo devem poder partilhar dos mesmos direitos e privilégios de toda a população europeia na medida das suas possibilidades e tomando em consideração os seus melhores interesses.

Estes direitos devem ser realçados, protegidos e postos em vigor por uma legislação apropriada em cada estado.

As declarações das Nações Unidas sobre os Direitos do Deficiente Mental (1971) e sobre os Direitos das Pessoas Deficientes (1975) tal como outras declarações relevantes sobre os Direitos do Homem devem ser tomadas em consideração e, em particular, no que diz respeito às pessoas com autismo, devem ser incluídos os seguintes:

1. O *DIREITO* de as pessoas com autismo viverem uma vida independente e completa até ao limite das suas potencialidades.
2. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem um diagnóstico e uma avaliação clínica precisos, acessíveis e livres de preconceitos.
3. O *DIREITO* de as pessoas com autismo receberem uma educação acessível e apropriada.
4. O *DIREITO* de as pessoas com autismo (e seus representantes) serem implicadas em todas as decisões que afetem o seu futuro; os desejos do indivíduo devem, na medida do possível, ser reconhecidos e respeitados.
5. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem uma habitação acessível e adequada.
6. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem equipamentos, assistência e serviços de apoio necessários a uma vida plenamente produtiva, digna e independente.
7. O *DIREITO* de as pessoas com autismo receberem um rendimento ou um salário suficientes para uma alimentação, vestuário e habitação adequados tal como para as outras necessidades vitais.
8. O *DIREITO* de as pessoas com autismo participarem, tanto quanto possível, no desenvolvimento e na administração dos serviços criados para o seu bem estar.
9. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem acesso a aconselhamento e cuidados apropriados à sua saúde mental e física e à sua vida espiritual. Isto inclui a acessibilidade a tratamentos de qualidade e a medicação administrada somente no seu melhor interesse e tomadas todas as medidas de protecção necessárias.
10. O *DIREITO* de as pessoas com autismo a um emprego significativo e formação vocacional sem discriminação ou estereótipo; a formação e o emprego devem respeitar as capacidades e escolhas do indivíduo.
11. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem acessibilidade ao transporte e liberdade de movimentos.
12. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem acesso à cultura, ao lazer, às actividades recreativas e desportivas e de nelas participarem plenamente.
13. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem igual acesso a todos os equipamentos, serviços e actividades da comunidade e poderem utilizá-los.
14. O *DIREITO* de as pessoas com autismo terem relações sexuais e outras, incluindo o casamento, sem a elas serem forçados ou nelas explorados.
15. O *DIREITO* de as pessoas com autismo (e os seus representantes) terem representação legal e assistência jurídica assim como a completa protecção de todos os seus direitos legais.
16. O *DIREITO* de as pessoas com autismo não serem submetidas ao medo e à ameaça de um internamento compulsivo em hospitais psiquiátricos ou outras instituições restritivas da sua liberdade.
17. O *DIREITO* de as pessoas com autismo a não serem submetidas a tratamentos físicos abusivos ou a negligência de cuidados.
18. O *DIREITO* de as pessoas com autismo a não serem submetidas ao uso abusivo ou inadequado de farmacologia.
19. O *DIREITO* de as pessoas com autismo (ou os seus representantes) ao acesso a todas as informações contidas nos seus relatórios pessoais, médicos, psicológicos, psiquiátricos e educacionais.

Apresentada no 4º Congresso Autism-Europe, Haia, 10 de Maio de 1992.

Adoptada sob forma de Declaração escrita pelo Parlamento Europeu em 9 de Maio de 1996

# ANEXO 4

(Pedido de Autorização)

Exmo. Sr. Diretor do Estabelecimento Educativo

Para os devidos efeitos venho requerer que Vossa Excelência se digne a autorizar-me a aplicar, quer um inquérito por questionário a todas as Educadoras que representam a equipa pedagógica desta Instituição, quer uma entrevista estruturada à Educadora de Educação Especial. Estas técnicas de investigação serão aplicadas, focando o tema “Perturbações do Espectro do Autismo”, essencialmente em crianças do pré-escolar.

Os instrumentos de recolha de dados, acima mencionados, integram-se num estudo empírico que estou a levar a cabo no âmbito do 1º ano do Mestrado em Educação Pré Escolar, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Em anexo envio as questões que serão colocadas, tanto no inquérito por questionário, como na entrevista estruturada a serem aplicados.

Agradecida pela atenção dispensada!

Porto, 13 de Março de 2016

A estagiária

---

# ANEXO 5

(Inquérito por Questionário)

## Inquérito por questionário

O presente inquérito por questionário tem como principal objetivo a análise das condições necessárias para educar uma criança com autismo. Este estudo está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da ESEPF (Escola Superior de Educação Paula Frassinetti).

Todos os dados recolhidos são confidenciais.

1) Idade: \_\_\_\_\_

2) Habilitação Académica: \_\_\_\_\_

3) Tempo de Serviço: \_\_\_\_\_

4) Já trabalhou com crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA)?

Sim

Não

4.1) Se Sim, sentiu dificuldades em se relacionar com elas?

Sim

Não

4.1.1) Se sim, por que motivo?

a) Capacidades intelectuais limitadas

b) Inadaptação ao meio e às atividades escolares

c) Débil autonomia

d) Acrescida dificuldade de comunicação

e) Acrescida dificuldade de interação

f) Comportamento agressivo

g) Birras e/ou reações emocionais negativas intensas

h) Comportamentos repetitivos e maneirismos

i)  Outros: \_\_\_\_\_

4.2) Se não, acha que sentiria dificuldades em se relacionar com crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA)?

Sim  Não

5) O que entende por “Autismo”?

---

---

---

6) Se respondeu SIM à questão nº 4, que estratégias utilizou para intervir junto das crianças com PEA?

- a) Parcerias pedagógicas
- b) Organizar o espaço de forma a fomentar a socialização
- c) Aprendizagem cooperativa
- d) Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação – Software adaptado
- e) Uso de imagens e símbolos para acompanhar a linguagem funcional
- f) Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação
- g) Promover situações de jogo, quer individual quer com os pares
- h)  Outras: \_\_\_\_\_

---

7) Tem alguma formação no âmbito das PEA?

Sim  Não

7.1) Se Sim, qual o título/tema da formação?

---

7.2) Se Não, acha que é importante ter algum tipo de formação para educar crianças com PEA?

Sim  Não

8) Na sua opinião, a Instituição onde trabalha está preparada para receber crianças com PEA?

Sim  Não

9) Existem recursos suficientes na Instituição para implementar uma educação de qualidade para as crianças com PEA:

Materiais – Não  Sim  Se sim, quais? \_\_\_\_\_

Humanos – Não  Sim  Se sim, quais? \_\_\_\_\_

10) Na sua opinião, acha fundamental o diagnóstico precoce em crianças com PEA?

Sim  Não

10.1) Já alguma vez referenciou, aos pais das crianças dos seus grupos, algum caso?

Sim  Não

11) É a favor da inclusão das crianças com PEA?

Sim  Não   Outra Situação: \_\_\_\_\_

12) Quais são os possíveis aspetos positivos e negativos dessa inclusão?

---

---

---

13) Nos casos de PEA, acha importante que a Educadora de Infância trabalhe em estreita colaboração com a família da criança?

Sim  Não

14) Existe cooperação entre o trabalho da Educadora de Educação Especial e o da Educadora de Infância quando há casos de PEA no grupo?

Sim

Não

15) A Educadora de Educação Especial trabalha regularmente com as crianças com PEA?

Sim

Não

16) Este espaço destina-se a comentários/observações que considere relevantes para este estudo sobre as condições necessárias para educar uma criança com PEA.

---

---

---

---

Muito obrigada pela sua colaboração!

## Respostas ao Inquérito por Questionário

### 1) Idade:

Educadora 1	38
Educadora 2	44
Educadora 3	24
Educadora 4	32
Educadora 5	48
Educadora 6	45
Educadora 7	41
Educadora 8	39

### 2) Habilitação Académica:

Educadora 1	Licenciatura
Educadora 2	Licenciatura
Educadora 3	Licenciatura
Educadora 4	Licenciatura
Educadora 5	Licenciatura
Educadora 6	Pós-Graduação
Educadora 7	Licenciatura
Educadora 8	Licenciatura

### 3) Tempo de Serviço:

Educadora 1	18 Anos
Educadora 2	18 Anos
Educadora 3	7 Meses
Educadora 4	5 Anos e 6 Meses
Educadora 5	24 Anos
Educadora 6	20 Anos
Educadora 7	9 Anos

Educadora 8	11 Anos
-------------	---------

4) Já trabalhou com crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA)?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Não
Educadora 4	Não
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Sim

4.1) Se Sim, sentiu dificuldades em se relacionar com elas?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	
Educadora 4	
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Sim

4.1.1) Se sim, por que motivo?

Educadora 1	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação.
Educadora 2	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação.
Educadora 3	
Educadora 4	
Educadora 5	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação; Comportamento agressivo; Comportamentos repetitivos e maneirismos; Inadaptação ao meio e às atividades escolares.
Educadora 6	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação.

Educadora 7	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação; Rejeição da Alimentação.
Educadora 8	Acrescida dificuldade de comunicação e de interação; Inadaptação ao meio e às atividades escolares; Comportamentos repetitivos e maneirismos; Dificuldade em estar a trabalhar individualmente com essa criança tendo grupos muito grandes.

4.2) Se não, acha que sentiria dificuldades em se relacionar com crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA)?

Educadora 1	
Educadora 2	
Educadora 3	Não
Educadora 4	Não
Educadora 5	
Educadora 6	
Educadora 7	
Educadora 8	

5) O que entende por “Autismo”?

Educadora 1	Dificuldade de interação com outras crianças; dificuldade em comunicar com os outros.
Educadora 2	Problema comportamental que se manifesta a nível social e de comunicação.
Educadora 3	Alteração no comportamento que afeta a capacidade de comunicação.
Educadora 4	Transtorno neurológico que afeta crianças desde tenra idade.
Educadora 5	É uma alteração comportamental; incapacidade de comunicar e de estabelecer relacionamento com as outras pessoas.
Educadora 6	Um autista possui uma incapacidade inata para estabelecer relações afetivas, bem como para responder aos estímulos do meio.
Educadora 7	Dificuldade em interagir e socializar, expressar-se e comunicar.

Educadora 8	Crianças com dificuldade na interação com os pais, socialização, comunicação. Vivem muito no mundo deles.
-------------	---

- 6) Se respondeu SIM à questão n.º 4, que estratégias utilizou para intervir junto das crianças com PEA?

Educadora 1	Parcerias pedagógicas; Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação; Promover situações de jogo, quer individual, quer com os pares.
Educadora 2	Organizar o espaço de forma a fomentar a socialização; Uso de imagens e símbolos para acompanhar a linguagem funcional.
Educadora 3	
Educadora 4	
Educadora 5	Parcerias pedagógicas; Aprendizagem cooperativa; Uso de imagens e símbolos para acompanhar a linguagem funcional; Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação.
Educadora 6	Organizar o espaço de forma a fomentar a socialização; Aprendizagem cooperativa; Uso de imagens e de símbolos para acompanhar a linguagem funcional; Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação; Promover situações de jogo, quer individual, quer com os pares.
Educadora 7	Organizar o espaço de forma a fomentar a socialização; Uso de imagens e símbolos para acompanhar a linguagem funcional; Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação; Promover situações de jogo, quer individual, quer com os pares.
Educadora 8	Parcerias pedagógicas; Organizar o espaço de forma a fomentar a socialização; Desenvolver atividades ligadas às artes plásticas e à música, de forma a estimular a comunicação; Promover situações de jogo, quer individual, quer com os pares.

7) Tem alguma formação no âmbito das PEA?

Educadora 1	Não
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Não
Educadora 5	Não
Educadora 6	Não
Educadora 7	Não
Educadora 8	Sim

7.1) Se Sim, qual o título/tema da formação?

Educadora 1	
Educadora 2	Licenciatura em Apoios Educativos
Educadora 3	Licenciatura em Educação Básica
Educadora 4	
Educadora 5	
Educadora 6	
Educadora 7	
Educadora 8	Pós-Graduação em Ensino Especial

7.2) Se Não, acha que é importante ter algum tipo de formação para educar crianças com PEA?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	
Educadora 3	
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	

8) Na sua opinião, a Instituição onde trabalha está preparada para receber crianças com PEA?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Não

9) Existem recursos suficientes na Instituição para implementar uma educação de qualidade para as crianças com PEA:

Recursos Materiais?

Educadora 1	Não
Educadora 2	Não
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Não
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Não

Se Sim, quais?

Educadora 1	
Educadora 2	
Educadora 3	Jogos
Educadora 4	Condições físicas
Educadora 5	
Educadora 6	Sala, Espaços exteriores

Educadora 7	Sala de Atividades, Imagens
Educadora 8	

Recursos Humanos?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Não

Se Sim, quais?

Educadora 1	Educadora; Educadora de Educação Especial; Terapeuta da fala e ocupacional.
Educadora 2	Educadora de Educação Especial
Educadora 3	Educadores com formação na área
Educadora 4	Pessoas formadas na área
Educadora 5	Educação Especial
Educadora 6	Educadora; Educadora de Educação Especial
Educadora 7	Educadora; Educadora de Educação Especial
Educadora 8	

10) Na sua opinião, acha fundamental o diagnóstico precoce em crianças com PEA?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim

Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Sim

10.1) Já alguma vez referenciou, aos pais das crianças dos seus grupos, algum caso?

Educadora 1	Não
Educadora 2	Não
Educadora 3	Não
Educadora 4	Não
Educadora 5	Não
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Não
Educadora 8	Sim

11) É a favor da inclusão das crianças com PEA?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Sim

12) Quais são os possíveis aspetos positivos e negativos dessa inclusão?

Educadora 1	Se na sala houver um número elevado de crianças torna-se por vezes muito complicado trabalhar com estas crianças.
Educadora 2	É positivo desde que existam condições para a criança. É negativo quando a criança ainda não está integrada e reage mal a situações novas.

Educadora 3	É negativo quando há falta de financiamento para os recursos necessários; quando há falta de comunicação entre educadores e pais. Aspectos positivos: respeitar as diferenças; integração (antes de serem crianças com autismo são crianças. Os direitos não se distingue.)
Educadora 4	Uma vez que a criança se envolve com o seu “próprio” mundo, ao interagir com as outras crianças aprende as rotinas que todos cumprem no dia-a-dia. Ajuda assim a reforçar e desenvolver interação/independência.
Educadora 5	Só vejo positivos. Relacionamento pessoal com os outros; estimulação; jogos em grupo.
Educadora 6	Quando as crianças com PEA são integradas num grupo não havendo nenhuma redução no número de crianças, isto é um aspeto negativo. O positivo é que junto com crianças sem necessidades o seu desenvolvimento pode ser melhor.
Educadora 7	Positivos: Maior interação com os pares: maior desenvolvimento nas crianças ao nível da comunicação. Negativos: Quando há muitas crianças no grupo, por vezes ficam um pouco “perdidos”.
Educadora 8	Ao nível da socialização e relação com os pares nota-se uma grande evolução. Quanto a aspetos negativos: grupos grandes; a educadora de ensino especial estar regularmente na sala de atividades a dar o apoio a essas crianças.

13) Nos casos de PEA, acha importante que a Educadora de Infância trabalhe em estreita colaboração com a família da criança?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim

Educadora 8	Sim
-------------	-----

14) Existe cooperação entre o trabalho da Educadora de Educação Especial e o da Educadora de Infância quando há casos de PEA no grupo?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Sim

15) A Educadora de Educação Especial trabalha regularmente com as crianças com PEA?

Educadora 1	Sim
Educadora 2	Sim
Educadora 3	Sim
Educadora 4	Sim
Educadora 5	Sim
Educadora 6	Sim
Educadora 7	Sim
Educadora 8	Não

16) Este espaço destina-se a comentários/observações que considere relevantes para este estudo sobre as condições necessárias para educar uma criança com PEA.

Educadora 1	Reduzir o número de crianças.
Educadora 2	
Educadora 3	A escola é parte do reflexo da vida vista de fora. É viver a experiência da diferença: de a respeitar, pois todos trabalhamos para uma sociedade mais justa e integrada.

Educadora 4	
Educadora 5	
Educadora 6	Quando existem crianças com PEA ou com outro tipo de necessidades educativas deveria sempre haver uma reeducação no grupo, ou seja, no número de crianças da sala.
Educadora 7	Redução no número de crianças em grupos com crianças com PEA.
Educadora 8	

# ANEXO 6

(Entrevista Estruturada)

## **Entrevista Estruturada**

A presente entrevista tem como principal objetivo a análise das condições necessárias para educar uma criança com autismo. Este estudo está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da ESEPF (Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti).

### **Dados da entrevista**

**Data da entrevista:** 27 de Maio de 2016

**Nome do entrevistador:** Soraia Sousa – Estagiária Finalista

**Tipo de entrevista:** Presencial

**Local da entrevista:** Sala das Educadoras

**Nome do entrevistado:** Educadora de Educação Especial

**Início da entrevista:** 14h00

**Fim da entrevista:** 14h30

**Duração da entrevista:** 30 minutos

- 1) **Qual é a Idade da Educadora?** Eu tenho 58 anos.
- 2) **Qual é a sua habilitação académica?** É a Licenciatura.
- 3) **Quanto tempo de serviço tem em Educação Especial?** Ora bem, eu trabalho em Educação Especial há mais de 25 anos.
- 4) **Tem feito formação no âmbito da Educação Especial? Em que temática/s?**  
Sim, tenho feito várias formações no âmbito da Educação Especial, concretamente ao nível do domínio cognitivo e motor.
- 5) **Como define uma criança autista?** As crianças autistas apresentam uma inadequacidade no desenvolvimento. Esta inadequacidade surge precocemente sendo que as suas características diferem de criança para criança, uma vez que cada criança é um ser único e inigualável. A Perturbação do Espectro do

Autismo é caracterizada, na sua globalidade, por apresentar dificuldades ao nível da interação social, comunicação verbal e não-verbal e ao nível dos interesses restritos e repetitivos.

- 6) **Na sua opinião, quais as melhores estratégias a adotar pela Educadora de Infância para intervir junto das crianças com PEA?** Ora bem, a Educadora responsável por crianças autistas incluídas numa turma de ensino regular deve ser capaz de desenvolver uma pedagogia diferenciada e centrada somente nestas crianças. Ou seja, em todas as brincadeiras e atividades pedagógicas, os olhos do educador deverão estar ao mesmo nível do olhar da criança. O Educador deve ainda ser capaz de valorizar a intenção comunicativa da criança autista, usar frases simples e falar para ela devagar e de forma bastante clara. Quando o nível de comunicação da criança autista não é satisfatório, o Educador deve apresentar alternativas de comunicação através da combinação de palavras, gestos, figuras e objetos. Como Educadora de Educação Especial é esta a minha perspetiva de um bom Educador de sala.

**Na sua opinião, a Instituição onde trabalha está preparada para receber crianças com PEA?** Não, não está minimamente preparar para receber e educar uma criança com Perturbações do Espectro do Autismo. Esta Instituição não apresenta mínimas condições para que uma criança autista consiga ter um desenvolvimento de qualidade.

- 7) **Existem recursos suficientes na Instituição para implementar uma educação de qualidade para as crianças com PEA?**

Materiais – Não  Sim  Se sim, quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Humanos – Não  Sim  Se sim, quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 8) **Já efetuou algum diagnóstico precoce em crianças com PEA?** Não, nunca fiz nenhum diagnóstico precoce, porque nos estabelecimentos de ensino, onde trabalhei e trabalho atualmente, as crianças autistas já veem referenciadas do Centro de Saúde. Apenas lhes tenho de prestar apoio.
- 9) **Na sua opinião, como é que acha que os pais das crianças com PEA reagem ao diagnóstico precoce?** É assim, para qualquer pai e mãe é sempre uma situação muito difícil e que demora o seu tempo de aceitação. É sempre um processo bastante doloroso e lento.
- 11) **É a favor da inclusão das crianças com PEA?** Sim, sou a 100% a favor da inclusão das crianças com Perturbações do Espectro do Autismo nas turmas de ensino regular, pois todas as crianças devem ser respeitadas e amadas de igual forma.
- 12) **Quais são os possíveis aspetos positivos e negativos dessa inclusão?** Sinceramente, não acho que existam aspetos negativos na inclusão destas crianças nas turmas de ensino regular. Na minha opinião, acho que ao incluir estas crianças nas turmas de ensino regular estamos a permitir o sucesso educativo de todas as crianças independentemente das suas características, dando, desta forma, resposta à diversidade e às necessidades específicas de todas elas.
- 13) **Quando há casos de PEA na Instituição, a Educadora de Educação Especial trabalha em colaboração com a família da criança? De que forma? Essa cooperação é regular?** Sim, maioritariamente através de reuniões periódicas e avaliação conjunta da criança. A família das crianças autistas, de acordo com o meu conhecimento, coopera de forma bastante ativa em todo o processo educativo da criança.
- 14) **Quando há casos de PEA na Instituição, a Educadora de Educação Especial trabalha em colaboração com a Educadora de Infância responsável? De que forma? Essa cooperação é regular?** Sim, através da elaboração de um plano de intervenção, especificamente definido para cada criança autista, em conjunto

com a educadora titular do grupo. A cooperação é regular, em horário definido no início do ano, o qual poderá ser reajustado.

**15) Como Educadora de Educação Especial, trabalha regularmente com as crianças com PEA? De que forma/com que estratégias?** Sim. Sempre integradas em contexto de grupo. Tenho por objetivo adequar todas as atividades de forma a permitir a inclusão destas crianças. O apoio individualizado é realizado em horário estabelecido, previamente, no PEI. É durante este apoio que são utilizadas estratégias e atividades que fomentem a estimulação do desenvolvimento global e a aquisição de competências.

**16) Este espaço destina-se a comentários/observações que considere relevantes para este estudo sobre as condições necessários para educar uma criança com PEA.**

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela sua colaboração!

# ANEXO 7

(Grelhas de Observação)

### Grelha de Observação – Atividades livres

**Objetivo da observação:** Interação com alguns dos elementos da sua equipa pedagógica

**Criança:** 5 anos (PEA)

**Observadora:** Soraia Sousa (Estagiária Finalista)

**Tempo de observação:** 1h (10h-11h)

**Data:** 17-05-2016

<b>Hora</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Observações</b>
10h00	A auxiliar de ação educativa da sala dos 4 anos (sala a que pertence a criança com PEA) entrega a presente criança, que vem a gritar e a espernear, por um braço, à auxiliar de ação educativa da sala ao lado (sala mista 3-5 anos), como castigo por ter tido comportamentos inadequados ao longo das atividades que estavam a decorrer na sua sala. Como forma de libertação, a presente criança bate, violentamente, na auxiliar de ação educativa da sala mista. Esta larga-a num canto da sala, ficando a criança a espernear e a chorar compulsivamente.	A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada.

<p>10h10</p>	<p>Após a auxiliar de ação educativa, da sala dos 4 anos, ter saído da sala mista (3-5 anos), a criança com PEA encaminha-se, repentinamente, até à porta de entrada dando murros e pontapés de forma bastante agressiva. Perante isto, a auxiliar de ação educativa da sala mista, calmamente, dirige-se até ela e diz-lhe: “Vamos à casa de banho lavar as tuas mãos que estão todas sujas”. Neste sentido, a criança com PEA, aflita, começa a espernear e a chorar compulsivamente dizendo: “Não quero! Vamos dormir?” Vendo a aflição da criança, a auxiliar de ação educativa da sala mista responde-lhe, tranquilamente: “Não, não vamos dormir. Vamos só lavar as tuas mãos que estão todas sujas. Já viste? Não queres estar sujo, pois não?” Assim, a criança sorri e aceita ir à casa de banho lavar as mãos.</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos quando se sente abandonada por elementos da sua equipa pedagógica.</p> <p>A criança com PEA manifesta comportamentos agressivos e choro progressivo aquando dos momentos de higiene, uma vez que associa tais ações à hora do descanso, a qual é repudiada por esta criança.</p>
<p>10h20</p>	<p>Dada a entrada da Educadora de Educação Especial na sala mista (3-5 anos), a criança com PEA dirige-se, repentinamente, até ela e abraça-a. Perante os comportamentos inadequados que a criança teve na sua sala (sala dos 4 anos) e na sua presença, a Educadora de Educação Especial manifesta o seu desagrado</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos afetivos para com a Educadora de Educação Especial como forma mediadora de reconciliação.</p> <p>Na minha opinião, a atitude da Educadora de Educação Especial para com esta criança deveria</p>

	<p>dizendo-lhe: “Estou muito triste contigo. És um feio!” Tal afirmação suscitou a manifestação de um grande sorriso por parte da criança com PEA. Ao vê-la sorrir, a Educadora de Educação Especial despreza-a com um olhar bastante intenso.</p>	<p>ter sido menos intensa. As palavras que, nós, adultos utilizamos para com as crianças são furtivamente impregnadas no seu íntimo. Daí o autocontrole ser extremamente fulcral.</p>
10h30	<p>A criança com PEA encontra-se na biblioteca a folhear, de forma brusca, os vários livros que aqui se encontram. Mal terminava de folhear um livro, atirava-o para o chão e pegava noutro, executando o mesmo procedimento até grande parte dos livros da biblioteca terem passado pelas suas mãos.</p>	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p>
10h40	<p>A criança com PEA dirige-se, subitamente, para junto da Educadora de Educação Especial e empurra-a. De seguida, agarra-lhe na mão, puxa-a com força e diz-lhe: “Anda, anda ver o livro!”. Perante a atitude da criança, a Educadora de Educação Especial responde-lhe: “Sai daqui! Não quero conversa contigo!”. Neste sentido, a criança senta-se ao seu lado e folheia o livro, bem devagar, olhando-lhe carinhosamente, sem fixar o olhar, várias vezes. A Educadora de Educação Especial despreza-a e continua a dar atenção à criança que estava aos seus cuidados.</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos para chamar a atenção.  A criança com PEA age afetivamente para com a Educadora de Educação Especial como forma mediadora de reconciliação.  A criança com PEA manifesta persistência.  A criança com PEA não consegue fixar o olhar.  Desvia-o permanentemente.</p>

<p>10h50</p>	<p>A criança com PEA encontra-se na casinha. Incessantemente chama pela Educadora de Educação Especial para que esta vá ao seu encontro. Perante tal facto, a Educadora de Educação Especial vira-lhe as costas e diz-lhe: “Estás de castigo! Tens de estar sentado, quieto e calado!” Tendo em conta tal prenúnciação por parte da Educadora de Educação Especial, a criança manifesta a seu maior sorriso.</p>	<p>A criança com PEA manifesta persistência. A criança com PEA age afetivamente para com a Educadora de Educação Especial como forma mediadora de reconciliação. A meu ver, a atitude da Educadora de Educação Especial para com esta criança continua sendo excessiva.</p>
<p>11h</p>	<p>A criança com PEA encontra-se a brincar sozinha na casinha. Junto ao frigorífico exerce as seguintes ações: abre a porta, tira todos os objetos que estão lá dentro, fecha a porta, abre a porta, coloca todos os objetos dentro do frigorífico, fecha a porta,... e assim sucessivamente.</p>	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p>

### Grelha de Observação – Atividades livres

**Objetivo da observação:** Interação com os pares

**Criança:** 5 anos (PEA)

**Observadora:** Soraia Sousa (Estagiária Finalista)

**Tempo de observação:** 1h (14h30-15h30)

**Data:** 19-05-2016

<b>Hora</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Observações</b>
14h30	A criança com PEA encontra-se sozinha a brincar na casinha. Dirige-se até ao frigorífico, pega no biberão, senta-se no chão e começa a rodar as argolas do biberão num movimento bastante peculiar e sistemático.	A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.
14h40	O M. aproxima-se da criança com PEA, bate-lhe e foge. Perante a atitude do M., a criança com PEA atira-lhe o biberão e começa a espernear e a chorar compulsivamente. Subitamente para, olha para as suas mãos e começa a rir.	A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é agredida violentamente. A criança com PEA ri sem fundamento aparente.

14h50	<p>A criança com PEA está junto ao frigorífico a exercer as seguintes ações: abre a porta, tira todos os objetos que estão lá dentro, fecha a porta, abre a porta, coloca todos os objetos dentro do frigorífico, fecha a porta,... e assim sucessivamente.</p>	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p>
15h00	<p>No preciso momento em que a criança com PEA está a abrir a porta do frigorífico, aproxima-se a L. que lhe fecha a porta e se coloca à sua frente. Tendo em conta tal comportamento, a criança com PEA empurra-a e grita: “Sai daqui!” Neste sentido, a L., em resposta à sua agressão, afasta-a de igual forma. Assim sendo, a criança com PEA esperneia e desata a chorar compulsivamente. Subitamente para, olha para a parede em frente e começa a rir.</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada e/ou agredida violentamente.</p> <p>A criança com PEA ri sem fundamento aparente.</p>
15h10	<p>A criança com PEA encontra-se junto à máquina de lavar roupa a exercer as seguintes ações: abre a porta, tira todo o vestuário que está lá dentro, fecha a porta, abre a porta, coloca todo o vestuário dentro da máquina de lavar roupa, fecha a porta,... e assim sucessivamente.</p>	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p>

15h20	A criança com PEA contínua com a sequência de ações, anteriormente referida, frente à máquina de lavar roupa.	A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.
15h30	A criança com PEA encontra-se, sozinha, a fazer a cama das bonecas: pega no lençol; sacode, violentamente, o lençol; estende-o na cama; pega no lençol, sacode, violentamente o lençol; estende-o na cama; ...; e assim sucessivamente. No decorrer destas ações, a criança com PEA fala para si mesma, não sendo perceptível as palavras que está a proferir. Entretanto, aproxima-se o D.P. que se deita na cama das bonecas. Perante a atitude do D.P. a criança com PEA sorri e cobre-o com o lençol que tinha em mãos. Subitamente sai da casinha e senta-se junto à porta de entrada, onde fica a observar os seus pares, dando gargalhadas espontâneas.	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p> <p>A criança com PEA manifesta reduzida comunicação oral.</p> <p>A criança com PEA interage, positivamente, com um dos seus pares.</p> <p>A criança com PEA demonstra alheamento.</p>

### Grelha de Observação – Hora do Almoço

**Objetivo da observação:** Ingestão de alimentos líquidos e sólidos

**Criança:** 5 anos (PEA)

**Observadora:** Soraia Sousa (Estagiária Finalista)

**Tempo de observação:** 40m (12h00-12h40)

**Data:** 20-05-2016

<b>Hora</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Observações</b>
12h00	A criança com PEA encontra-se sentada à mesa junto de alguns dos seus pares. Enquanto aguarda a chegada da sopa interage com o I. - que está posicionado à sua frente - da seguinte forma: a criança com PEA pega na colher de sopa e olha para ela de uma forma misteriosa. Ao ver o seu rosto, começa a fazer caretas dando, simultaneamente, gargalhadas. Perante a atitude da criança com PEA o I., tendo achado engraçado, executa a mesma ação. Juntas, as crianças divertem-se.	A criança com PEA interage, positivamente, com um dos seus pares.

<p>12h10</p>	<p>Aquando da chegada da sopa à mesa, a auxiliar de ação educativa, da sala dos 4 anos, senta-se ao lado da criança com PEA e dá-lhe a ingerir tal alimento. Vários são os momentos em que a criança, subitamente, dá gargalhadas.</p>	<p>A criança com PEA ri sem fundamento aparente. A meu ver, uma vez que a criança com PEA deglute bem alimentos líquidos, deveria ser estimulada a ingeri-los de forma autónoma, tanto pela auxiliar de ação educativa como pela educadora titular.</p>
<p>12h20</p>	<p>Após a deglutição da sopa, a educadora titular, que estava a preparar o prato do conduto, aproxima-se e senta-se frente à criança com PEA, atracando-lhe as pernas. Primeiramente oferece-lhe uma colher do conduto, à qual a criança com PEA, num movimento brusco, a arrebola para o chão. Perante o comportamento da criança, a educadora pede à auxiliar de ação educativa para lhe segurar nos braços. Neste sentido, forçosamente, obriga-a a engolir cada colher de comida, intercalada com a ingestão de água (líquido). Tendo em conta a atitude da educadora e da auxiliar de ação educativa, a criança com PEA reage violentamente: esperneia, cospe, grita e chora compulsivamente. Tais atitudes são toleradas pelos adultos responsáveis por esta criança.</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada e/ou forçada a ingerir algo que não deseja. A criança com PEA manifesta dificuldade em mastigar. Na minha opinião, a educadora titular deveria ter agido de uma forma mais pacífica para com esta criança. Como por exemplo: estimulá-la para a deglutição de alimentos sólidos, antes de os dar a ingerir.</p>

<p>12h30</p>	<p>A educadora titular, forçosamente, obriga a criança com PEA a ingerir mais três colheres do conduto, intercaladas, tal como anteriormente constatado, com a ingestão de água (líquido). Perante tal facto, a criança com PEA manifesta os mesmos comportamentos agressivos, acima mencionados: esperneia, cospe, grita e chora compulsivamente. Tais atitudes são toleradas pelos adultos responsáveis por esta criança.</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada e/ou forçada a ingerir algo que não deseja. A criança com PEA manifesta dificuldade em mastigar.</p>
<p>12h40</p>	<p>Depois de ter ingerido grande parte do conduto, a educadora, como recompensa, abraça a criança com PEA, que chora compulsivamente, acarinhando-a. Repentinamente a criança para, olha para a educadora, sem fixar o olhar, e sorri. Sentindo a criança mais calma, a educadora pergunta-lhe: “queres fruta?”, à qual a criança responde sim, abanando a cabeça. Neste sentido, a educadora titular pede à auxiliar de ação educativa para ir buscar à cozinha maçã cozida. Após ter em mãos o prato da fruta, a educadora esmaga-a e dá-lhe a ingerir. Vários são os momentos em que a criança com PEA, subitamente, dá gargalhadas.</p>	<p>A criança com PEA evidencia choro progressivo quando é contrariada e/ou forçada a ingerir algo que não deseja. A criança com PEA não consegue fixar o olhar. Desvia-o permanentemente. A criança com PEA ri sem fundamento aparente.</p>

### Grelha de Observação – Hora do Descanso

**Objetivo da observação:** Comportamento da criança com PEA

**Criança:** 5 anos (PEA)

**Observadora:** Soraia Sousa (Estagiária Finalista)

**Tempo de observação:** 40m (12h50-13h30)

**Data:** 20-05-2016

<b>Hora</b>	<b>Comportamento</b>	<b>Observações</b>
12h50	Após o término da hora do almoço, a auxiliar de ação educativa, da sala dos 4 anos, dirige-se, calmamente, até à criança com PEA e diz-lhe: “Anda comigo! Agora que acabaste de almoçar, vamos lavar as tuas mãos que estão todas sujas! Está bem?” Neste sentido, a criança com PEA, aflita, começa a espernear e a gritar: “Não quero! Não quero dormir! Não quero!” Vendo a aflição da criança, a auxiliar de ação educativa acarinha-a e afirma: “Não vamos dormir, tem calma! Vamos só lavar as tuas mãos, que estão todas sujas, e fazer um xixi pequenino!	A criança com PEA manifesta comportamentos agressivos aquando dos momentos de higiene, uma vez que associa tais ações à hora do descanso, a qual é bastante repudiada por esta criança.

	Pode ser?” Assim, a criança com PEA, embora com algum receio, aceita ir à casa de banho.	
13h00	As crianças da sala dos 4 anos fazem fila para irem para o dormitório. A criança com PEA encontra-se no colo da auxiliar de ação educativa. Deitada no seu ombro e de olhos fechados, acaricia-lhe o rosto. Vários são os momentos em que a criança sorri.	A criança com PEA age afetivamente para com a auxiliar de ação educativa.
13h10	Tendo chegado ao dormitório, a auxiliar de ação educativa coloca, cuidadosamente, a criança com PEA, que estava a dormir no seu colo, na cama e, vagarosamente começa a retirar-lhe a roupa. Sentindo tais movimentos por parte da auxiliar de ação educativa, a criança com PEA desata a espernear, gritando: “Não quero! Não quero dormir! Não quero! Não quero!” Assim sendo, a auxiliar de ação educativa solicita a ajuda de mais uma auxiliar para que, juntas, conseguissem extrair toda a roupa. Perante tal facto, são vários os comportamentos agressivos que a criança adota, de modo	A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada e/ou forçada a fazer algo que não deseja (dormir).

	<p>a conseguir-se libertar: esperneia, grita e chora compulsivamente. Tais atitudes são toleradas pelos adultos responsáveis, neste momento, por esta criança.</p>	
13h20	<p>Após as auxiliares terem acalmado a criança com PEA por meio de carinho e compreensão, já na cama, a criança executa as seguintes ações: destapa-se, levanta-se, deita-se, cobre-se, destapa-se, levanta-se, deita-se, cobre-se, ... e assim sucessivamente. No decorrer destas ações, a criança com PEA, subitamente, manifesta as suas maiores gargalhadas. Tais atitudes são toleradas, por um instante, pelos adultos responsáveis, neste momento, por esta criança.</p>	<p>A criança com PEA manifesta comportamentos repetitivos e maneirismos. Encontra-se bastante compenetrada, evidenciando um olhar distante.</p> <p>A criança com PEA ri sem fundamento aparente.</p>
13h30	<p>No preciso momento em que a auxiliar de ação educativa, da sala dos 4 anos, a agarra de modo a chamá-la à atenção para o momento do descanso, a criança com PEA desata a espernear e a chorar compulsivamente, dizendo: “Por favor, não quero! Não quero, por favor! Não! Por favor! Não! Não!” Sentindo a aflição da criança, a auxiliar de</p>	<p>A criança com PEA evidencia comportamentos agressivos e choro progressivo quando é contrariada e/ou forçada a fazer algo que não deseja (dormir).</p> <p>Na minha opinião, a atitude que a auxiliar de ação educativa, da sala dos 4 anos, teve para com esta criança é de extrema humanidade, sensibilidade e amor à profissão.</p>

	<p>ação educativa pega nela ao colo, acarinha-a e diz-lhe: “Está tudo bem! Não precisas de ficar com medo! Eu estou aqui contigo! Vamos dormir os dois!” É desta forma, ao sentir o aconchego da auxiliar de ação educativa, que a criança com PEA tranquiliza-se, acabando mesmo por adormecer.</p>	
--	--	--